

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Boletim N.º 113 — Língua e Literatura Grega : N.º 2

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

Formas consonânticas
da
vogal reduzida



SÃO PAULO — BRASIL

1950

UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Reitor :

Prof. Dr. Luciano Gualberto

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Diretor :

Prof. Dr. E. Simões de Paula

Cadeira de Língua e Literatura Grega :

Prof. Aluizio de Faria Coimbra

Assistente : José Lazzarini Junior

Auxiliares de ensino : { Hilda Penteado de Barros
Gilda Maria Reale



Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida à
Cadeira de Língua e Literatura Grega, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
Caixa Postal 8.105 — — São Paulo-Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Boletim N.º 113 — Língua e Literatura Grega : N.º 2

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

Formas consonânticas
da
vogal reduzida



SÃO PAULO — BRASIL

1950

Em estudo dantes concluído e que aguarda estampa em apreciada revista estrangeira (1), versei, no âmbito de assunto diversíssimo dêste, a oposição entre πίπνω, πίπτω, formas de pres., e ἔπεσον, dór. ἔπερον, formas de aor., todas de raiz *pet-*, no sentido de *cair*. Constitue o contraste então assinalado a gradação do elemento vocálico desta, o qual, enquanto apresenta grau reduzido e grau zero, respectivamente, na primeira e na segunda dessas formas, tem grau pleno nestas duas últimas. A essa diferença atribuí expressividade semântica, tendo como certo que, em época mais antiga, oposições tais bastavam para caracterizar, em numerosos casos, aquelas duas categorias de aspecto, independente da presença de outro elemento morfológico.

Não importa isto nenhum debate sôbre o nexu ou a dependência em que do acento ou da intonação tenham estado, nos primórdios do i. e., os fenômenos de *Ablaut*, conforme entendem numerosos estudiosos. Significa apenas que já na língua mãe, segundo nos permitem inferir múltiplos fatos das línguas derivadas, os movimentos apofônicos eram empregados ou aproveitados como meios de expressão categórica.

Para o fenômeno que constitue em lat. e em gr. o surgimento de oclusivas labiais e línguo-dentais (-p-, -b-, -t-, -d-), depois de -m-, -n- ou -s- e antes de -r- ou -l-, em casos como **templum**, μεσημβρία, ἀνδρός, **claustrum**, sou levado a estabelecer

(1) Artigo com título "Sobre uma ode anacreonteia", inserto no vol. III, em impressão, de HUMANITAS, revista do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra.

paralelos do mesmo gênero, ante a eloquência dos fatos que se mostram em conexão com estas estruturas.

Devo assinalar, desde logo, que outra é a atitude dos foneticistas de maior renome.

Sob a denominação de “Développement d’une occlusive épenthétique dans certains groupes de deux consonnes”, estuda NIEDERMANN § 95, quanto ao lat., assim a origem do **-p-** dos grupos **-mpl-**, **-mps-**, **-mpt-**, como a do **-t-** no grupo **-str-**, que inculca saído de **-dtr-** > **-ssr-**. Para o eminente mestre de Neuchatel a labial surda de **exemplum**, **compsi**, **sumptus**, a dental surda de **claustrum**, **rastrum** classificam-se como sons “parasitos” que “tiennent à un manque de précision dans l’exécution des mouvements organiques”, pois, segundo admite, neste segundo caso, “il arrive facilement que, en passant de la position articulatoire d’un **s** à celle d’un **r** le sujet parlant...” toque com a ponta da língua os incisivos superiores e estabeleça destarte, por um instante, as condições de articulação de um **t**; e porque, no primeiro caso, para se passar de **m** a **l**, **s** ou **t**, há necessidade de, ao mesmo tempo, erguer o véu do paladar e abandonar a oclusão bucal, pode suceder que, por falta de sincronia nos dois movimentos, estando já executado o primeiro, mas não o segundo, se ouça “comme son de transition une occlusive orale labiale”.

Estudando as nasais dos grupos gregos **-μβρ-**, **-μβλ-**, **-νδρ-**, GRAMMONT p. 153 explica **-β-** e **-δ-** nestes termos: “Dans une prononciation nette” **-m-** e **-n-** terminam por dois movimentos simultâneos, que são o erguimento do véu palatino e a rutura da oclusão. Duma e doutra dessas consoantes constituem êstes movimentos a respectiva metástase, sendo mudo o primeiro e “le second peut s’entendre comme l’explosion de toute occlusive. Comme il est sonore, mais non nasal, c’est un **b** pour l’**m**, un **d** pour l’**n**; ou plutôt, car la durée de cette métastase est infinitésimale, c’est une ébauche de **b** ou de **d**, et dans une articulation molle on peut ne pas l’entendre. Si,

l'articulation est nette, cette ébauche de *b/d* devient un *b/d* complet qui se combine avec l'*r/l* : *m-r*, *m-l*, *n-r*, > *m^{br}*, *m^{bl}*, *n^{dr}*, > *m-br*, *m-bl*, *n-dr*".

LEJEUNE § 140 ensina que nos antigos grupos *-mr-*, *-ml-*, *-nr-*, "la fin de la nasale perd sa nasalité et se réduit à l'explosion d'un *b* ou d'un *d*". Faz referência, nessa altura, ao *Traité de Phonétique* de GRAMMONT p. 235, onde se contém com efeito esta lição: "*nr*, *mr*, deviennent *ndr*, *mbr*, quand l'*r* fait perdre à la fin de la nasale la continuité, c'est-à-dire en l'espèce la nasalité. . ."

Quanto a JURET, p. 57, pretende que nos grupos formados por oclusiva nasal mais *-r-* ou *-l-* esta "ne se dénasalise que dans son élément explosif, de sorte que *-nr-*, *-mr-*, *-ml-*, deviennent *-νδρ-*, *-μβρ-*, *-μβλ-* . . ."

Não cogita WRIGHT do sentido fonológico do fenómeno. Limita-se a simples registro, escrevendo no § 145: "*ml*, *mr*, became *mb^l*, *mbr*, which were simplified to *bl*, *br*, initially, as βλώσσω . . .". Sem acréscimo repete-o BUCK n. 201, classificando porém o fato, no n. 40.11, como "developpement of new consonant out of certain groups". Não dissera mais SCHWYZER p. 277: "Als konsonantische Übergangslaute erscheinen β und δ in den Gruppen *μβρ*, *μβλ*, *νδρ*, insoweit diese aus *μρ*, *μλ*, *νρ*, hervorgegangen sind (β, δ in solchen Gruppen können auch ursprünglich sein; vgl. κύλινδρος zu κιλίνδω, δμβρος vgl. ai **abhrá-n**; den Entscheid geben verwandte Wörter und die Etymologie). Zu ἄμαρ ἡμέρα ἡμερινός gehören μεσημβρία :"

* * *

Embora explicitamente não o digam, tôdas as lições de língua francesa supra mencionadas assentam, tanto no que se refere ao *-b-*, como no que respeita ao *-d-*, sôbre a ausência de simultaneidade a que faz NIEDERMANN expressa referência, na explicação do *-p-* dos três primeiros dos grupos latinos acima

indicados. Admitem que, antes de desfazer-se, no caso de *μησημβρία*, a oclusão realizada pelos lábios ou, no caso de *ἀνδρός*, a oclusão conseguida pelo contáto da língua contra os alvéolos, subira a parte mole do palato, fechando ao sôpro o acesso do nariz e pois eliminando a ressonância nasal do *-m-* e do *-n-*. Só assim se pode entender a afirmativa de GRAMMONT que a rutura da oclusão “é sonora mas não nasal”, é “um *-b-* por *-m-*, um *-d-* por *-n-*”, ou antes, “um rudimento de *b* ou *d*”.

Mas, observo eu, se a explosão não é nasal, já não há por que cogitar de *-m-* ou de *-n-*. Oralizados, transformar-se-iam realmente êsses fonemas nasais em *-b-* e *-d-*. E como consoantes simples que eram, não vejo como, desnasaladas, se teriam convertido nos grupos *-mb-* e *-nd-*, cujo primeiro elemento é nasal. Permaneceriam forçosamente simples, isentas da nasalidade anterior e articuladas no mesmo ponto. De **μησημβρία* e **ἀνρος*, não resultariam portanto *μησημβρία* e *ἀνδρός*, mas **μησηβρία* e **ἀδρός*. E do lat. **exemlom* só **exeplum*, não *exemplum*, poderia sair.

Deve-se notar também que uma expressão como *desnasalação da parte explosiva da nasal* não tem a rigor nenhum sentido, porque, no momento em que explode, a consoante já é ou não é nasal, conforme lhe fôra antes abaixado ou não, na subida do sôpro, o véu palatino. Ao atingir os lábios, cuja oclusão deve romper, já o som está definido como oral ou nasal, por título sem mudança.

MEILLET & VENDRYES § 203 não pensaram em desnasalização quando escreveram: “Dans le cas des groupes tels que *-np-*, *-mp-*, *-μλ-*, l’explosion de l’articulation buccale de la nasale s’isole, faisant ressortir la fin de l’élément occlusif du groupe; l’aboutissant est *-νδρ-*, *-μβρ-*, *-μβλ-*...”. Não nos disseram porém em que consiste o fim dessas explosivas (*-m-*, *-n-*) e menos ainda por que, se emitidos em explosão isolada, gerem elas, depois de si, *-b-*, *-d-*.

Nenhuma dessas interpretações atinge porém, no meu entender, a verdadeira natureza do fato que defrontamos. O que efetivamente ocorria era que, na pronúncia das palavras dêsse tipo, quando aos lábios ou aos alvéolos chegava o sôpro de qualquer das duas consoantes, já se achavam elas condenadas à nasalidade, visto como já parte dele se enviara pelo nariz; antes contudo que explodissem fazia-se sentir um elemento vocálico. De escasso conteúdo vibratório, não se definia então como vogal plena, à maneira do que noutros casos se haverá dado, mas servia-se da mesma articulação labial ou dental para converter-se em consoante da mesma natureza. E logo, sob a influência do -r- ou -l- subsequentes, abandonava a nasalidade, a fim de prestar-se à formação de um dos grupos -pl-, -bl-, -dr-, normais no sistema de agrupamento dos sons do i. e.

A vogal frustra a que aludo, aqui representada, em qualquer caso, por *ə*, é o elemento que, num terceiro tipo de alternância, bem identificado e que não se tem o direito de confundir com *ei*: *i*, nem com *ê*: *a*, opõe-se a *e* (MEILLET p. 102). Demonstram-lhe a existência conhecidas oposições, tais como a do át. τέτταρες e do eól. πίσσυρες, a do hom. νίσσημαι comparado a νέομαι, νόστος, a de ἰδρίω perante ἔδος, lat. *sedeo*, a do gr. δέκα, lat. *decem*, scr. *daça*, perante v. a. a. (zwein)-zug, arm. *tasn*. Caracteriza muitas vezes, de modo evidente, a formação derivativa, contrastando com o gráu normal da forma originária. Assim, *e. g.*, a raiz *pet-*, segundo foi dito acima, tinha como próprio, no valor de *cair*, o aspecto indeterminado, expresso no aor. ἔπεσον, dór. ἔπερον. Para conferir-se-lhe o aspecto durativo foi-lhe ajuntado o *Wurzeldeterminativ -en-*, mas a adição se fez, não à forma de grau pleno, senão à de grau reduzido, isto é, à forma com *ə* > *i*: πίτνω.

No mesmo terreno, a ἡμέρα se opõe o parassintético μεσημβρία, isto é, *μεσημ *ə* ρ-ία. O voc. ἄνερ e o hom. ἀνέρες levam-nos a estabelecer ἄν *ə* ρ- > ἄνδρ- para outras formas da mesma

flexão: ἀνδρός, ἀνδρί etc. É também sobre $\nu \varrho \rho$ - que repousa δρώψ, *homem*, de Hesiquio, cujo primeiro elemento, $\tilde{a}n$ -, se acha no grau zero e sofreu, como βλώσσω a dissimilação da primeira nasal, por força da passagem de ϱ a ν : $*\nu \varrho \rho$ - > $*\nu \nu \rho$ - > $*\nu \delta \rho$ - > $-\delta \rho$ -. Ao lado da forma de dental simples desta origem, possuía o gr. outra forma de dental aspirada, o temático ἀνθρωπος, que inclui, no grau zero, o mesmo $-\epsilon r$ - de ἀνήρ e de δρώψ, assim como o $-\omega \pi$ - dêste último. Seu $-\nu \delta \rho$ - não decorre de $-\nu \varrho \rho$ -, mas se prende ao i. e. $*ant(h)$ -, alargamento de an -, que se acusa no hit. *antuh*, *homem* (JURET — *Vocabulaire s.v.*). Oferece algum paralelismo com esta estrutura o t. γυναικ-, de γυνή, onde, à vista do dór. γυνάν, át. γυνήν, γυναί, percebe-se que, à semelhança de $-\omega \pi$ -, o elemento $-aík$ - devia a comêço possuir expressão própria. Por outros termos, às formas primárias $-\tilde{a}n$ - (*anth*-) e $*\gamma \nu \nu$ - associaram-se, respectivamente, dois *determinativos radicais*, a saber: à primeira $-\tilde{e}r$ - : $-\epsilon r$ - : $-\tilde{r}$ - : $-\varrho r$ - e $\tilde{o}q^v$; à segunda $-\tilde{a}$ - e $-\tilde{i}k$ -. Ressalvadas as preferências que, sob a ação de fatores vários, teem certas épocas e certos grupos por diferentes tipos de formação, pode-se admitir que a essas diversidades morfológicas correspondiam de início matizes diferentes de sentido. É certo todavia que, com assinalada frequência, acabam êstes por confundir-se. Sobre a variedade estrutural da palavra *homem*, quando expressa com o morfema $-\tilde{a}n$ -, cf. também o umb. temático *nerus*, o sab. *Nero*; o scr. atemático *nā*, o scr. temático *nara/h*.

Temos então que, assim considerados, os fatos concernentes a essa palavra não nos levam ao suposto de uma prótese ($\tilde{a}$ -) nas estruturas gregas supra e no arm. *ayr*, *arn*, como é ensino corrente, mas, ao contrário, persuadem de que êstes dois idiomas preservaram o aspecto original da raiz, restando-lhe o elemento vocálico inicial. A êste perderam, além do ital., o i. irân. e o célt.. Cf. véd. av. *nar*-, v. irl. *ner-taim* *fortificar*, *nert* *virilidade*.

Se nestas últimas, como nas formas scrs. e lats. acima vistas, **ān-** tem grau zero, se as formas grs. e arms. supra o possuem *schwatzidō*, talvez o conttenham no grau longo os vv. X 38-9 :

“Ἐκτορ, μή μοι μίμνε, φίλον τέκος, ἀνέρα τοῦτον
οἷος ἀνευθ’ ἄλλων . . .

onde, por desejo de simplificação, mas não com espírito científico, se diz que sob necessidade métrica aparece contada como longa a inicial de *ἀνέρα*.

ἀνήρ e *ἄνθρωπος* não chegaram a confundir-se. Manteve-se sempre este último a significação mais ampla de *que tem aspecto de homem* (Boisacq), oriunda da presença de *-ωπ-*. Dentre os valores dêste morfema (cf. CHANTRAINE pp. 257-9), é esse sem dúvida o que melhor lhe convém.

Não é outro de *μέσημβρία* o caso de **exemplum**. Revela-o a comparação de dois cognatos, de sentido ainda vizinho, o lat. **templum** e o gr. *τέμενος*, construídos ambos sobre a raiz **tem-**. Acha-se esta, nas duas palavras, ampliada por um morfema sonântico e temático, **-elo-** na primeira e **-eno-** na segunda, aquele de grau reduzido, este de grau pleno: ***tem** *o* **lo**, ***tem-eno-**. Não se converteu o *o* da forma latina em vogal normal. Mas no ponto em que se articulava o **-m-** de **-tem-**, aí pôs êle também a sua catástase, dando lugar a **-mm-**. De ***temmlom** < ***tem** *o* **lom** é que saiu **templum**, desnasalado o segundo **-m-**, pela tendência i. e. para o grupo **-pl-** e outros. Do mesmo modo ***exemmlom** < ***exem** *o* **lom** produziu **exemplum**.

A presença de um elemento fonético anteposto, primitivamente, à líquida dêsses grupos é indicada, com muita nitidez, pela circunstância de não se ter aí produzido a assimilação da nasal ao **-r-** ou **-l-** subsequentes. Produtos como **colloquor**, **irritus**, de **cum** + **loquor**, **in** + **ratus**, mostram a debi-

lidade articulatória do **-m-** e do **-n-** implosivos médios e a consequente impotência deles para se desdobrarem em duas consoâncias. ***Tem-lo-** não poderia portanto dar **templum**, como **cum** + **loquor** não deu ***comploquor**, nem **in** + **ratus** deu ***indritus**. Dessa debilidade são ainda prova o epigráfico **cosol** por **consol** e **consul** e a evolução da **-ensa-**, **-ense-** nos romances. Cf. lat. **mensam**, ptg. esp. *mesa*, log. *meza* etc.; lat. **mensem**, ptg. *mês*, esp. *mes*, it. *mese*, log. *meze* etc.

Não é outra a origem do **-p-** de **hiemps**, **autumpnus**, **cõtempno**, **dampnum**, também apresentado, sem razão, pelos autores como produto de epéntese popular (NIEDERMANN § 95, MEILLET & VENDRYES § 121). Com efeito, a presença do resíduo vocálico, que se articula no mesmo ponto da catástase do **-m-** implosivo e se muda em consoante hormorgânica dêste, constitue aqui inferência tão imperiosa como no caso de **exemplum**. O temático **-eno-**, que o gr. exhibe pleno em *τέμενος*, é em lat., reduzido que foi a **-o** **no-**, responsável pelo surgimento da oclusiva, como simples fenômeno de dissimilação nasal, nos temáticos **autumpnus**, **contempno**, **dampnum**, saídos de ***autum** **o** **no** ***contem** **o** **no**, ***dam** **o** **no**. Para **hiemps** devemos considerar que o **-s-** dos nominativos sigmáticos representa o grau zero de **-es** e que outras formas vocálicas dêsse morfema são **-ês**, **-əs-**. Podemos identificar esta última no gr. *σῆς*, *ῆς*, *μῆς*, lat. *mūs*, gr. *κῆν* (acus.), cuja soante longa, à vista da breve das formas dissilábicas (gr. *μῆς*, nom. pl.), interpreto como **-w** + **ə-**, **y** + **ə-** > **-û-**, **-i-**.

* * *

Em sílaba inicial passavam-se as cousas de maneira similar. Do t. ***melit-**, de *μέλι*, *mel*, deriva o vb. *βλίστω*, **expremmel**, cuja estrutura se explica, de acôrdo com o exposto, como *μῆλιτ-γῶ-*. Disso se veio a **μμιττω*, onde o segundo **-m-** perdeu a ressonância nasal para formar o grupo *βλ-*. Colocado antes de **-b-**, o outro **m-** se dissimilou.

A forma **mol-** da raiz **mel-** tinha aspecto aorístico: *ἐμολον, eu fui, eu vim*. Construiu-se sobre ela um presente, com adição de **-ωσκ-** ao grau reduzido. Assim, **μ^oλωσκ-* passou a **μμλωσκ-*, em seguida a **μβλωσκ-* e, por fim, a *βλωσκ-*, com surgimento do mesmo grupo. A fase **-mb-** está conservada no perf. *μέμβλωκα*. Formaram-se evidentemente com a mesma redução do t. **βλωσκ-* o aor. terceiro *ἔβλω* e o perf. *βέβλωκεν*, ambos preservados em Hesíquio. Como expressiva poderá ser tida também a diferença de grau vocálico entre *γαμέτης*, isto é, **gam-etā-*, e *γαμβρός*, isto é, **gam-^oro-*.

Testemunho igual ao que nos dá *μέμβλωκα* para o momento **-mb-**, fornece-nos para o estágio **-mbr-** a forma *ἄμβροτος*, sincrético de *ἄβροτος*, *imortal*, isto é, **á + μ^oροτο- > *ἄμμροτο > ἄμβροτο-*. O grau fletido aparece no lat. **mortuus**, scr. **martáh**, *mortal*, assim como no registro de Hesíquio *μορτός = ἄνθρωπος, θνητός*. Observe-se que, sendo temático em tôdas essas formas, o suf. apresenta grau fletido, mas pleno, quando a raiz se acha reduzida (*βροτός*); e que, nos casos em que aquele se reduz, cabe a esta última a forma plena (lat. **mortuus**, gr. *μορτός*, scr. **martáh**). O **-w-** de **mortuus** é analógico do de **vivus**.

O scr. **marcáyati**, *lesar*, o lat. **molcta**, > **molta** > **multa** mostram que o **-β-** de *βλάβη, βλάπτω* tem também essa origem. A mesma evidência decorre do scr. **mláyati**, *relaxa-se*, quanto à inicial de *βλάξ, βλαδαρός, indolente*, cognato de *ἁμαλός, ἁμβλύς*, do lat. **mollis**, do scr. **mrđúh**, respectivamente i. e. ***moldwis, *mlr**.

É também caso de transformação de ^o em consoante o de **hibernus**. A esta forma responde o gr. com *χειμερινός* e nisto nos fornece o protótipo lat. ***ghei-^om-er-ino-**, não ***gheimrino-**, segundo propõem com dúvida MEILLET & VENDRYES § 125. Daquele, com eliminação do **-i-** posterior à soante, tal como em **hornus**, de ***ho yorno** < ***ho yorino**, *dêste ano*, veio o lat., segundo me aparece em completa evidência, a ***himmerno-**, forma à qual sobreveio dissimilação desnasaladora do segun-

do -m-. Posteriormente, foi o primeiro -m- também dissimilado pelo -b-, como em ἄμβροτος > ἄβροτος.

Sôbre a relação em que se acham e e o e a consequente consonantização dêste último na base articulatória da nasal anterior constitue documento de impressionante clareza a forma δερβιλίς, registrada em Hesíquio como equivalente a βδέλλαι, *sanguessugas*, sentido com o qual se conhece a inscrição de Epidauro δερμελέας. (I. G. 4.951.98).

Acha NIEDERMANN l.c. que em *exemplum, templum* o -p- "fait difficulté", porquanto "ou s'attendrait à ce que entre m et l elle (l'occlusive épenthétique) fût sonore". É uma sonora que ocorre realmente em gr., nos exemplos examinados acima e vários outros. A surda latina não é portanto de explicação pronta. Poder-se-ia pensar que, ao menos em certas regiões, não era o -m- latino bastante sonoro para, desnasalado, soar como -b-. Noutra hipótese, seria no -l-, no -n- que haveria residido a surdez. Mas *prismus*, de **prismo-* > *prizmo*, *prélum*, de **preslo-* > *prezlo-*, *dinosco*, de **disnosco* > **diznosco*, põem em risco tais conjecturas. Melhor será admitir-se que como diferenciação, o lat. rompeu as séries de três sonoras -*mb*l-, -*mb*n-, por meio do ensurdecimento da articulação média, então revelando, para a pronúncia sonorizada, menor receptividade do que o gr.. O que está entretanto muito claro, pelo exame de *dampnum*, assim como do fr. *chambre* (lat. *camera*), *combler* (lat. *cumulare*), *plaindre* (lat. *plangere*), *cendre* (lat. *cinere*), *tendre* (lat. *teneru*), *pondre* (lat. *ponere*), do ptg. *combro* (lat. *cumulu*), do esp. *hembra* (lat. *femina*) etc. é que neste fenômeno nenhuma influência tem a sonoridade ou surdez da consoante da sílaba inicial ou da sílaba anterior, como já foi algures pretendido.

* * *

Não grega ou latina, mas i.e. era a capacidade de formação dos grupos de oclusiva + líquida. Acusam-na, com efeito,

em escala maior ou menor, as línguas derivadas. Cp. hit. **petar**, gr. *πετρόν*, scr. **pátram**; gr. *βορύνω*, hit. **papra**; hit. **palhi**, gr. *πλᾱτύς*, scr. **pṛthūh**, v. a. al **breit**; hit. **maklant**, lat. **macer**; etc.. Ela se acha na linha de consequências do *Ablaut*, como resultado da juxtaposição de dois morfemas, o segundo dos quais, quando fechado por uma líquida, uma nasal ou uma sibilante, tivesse sido levado ao grau zero.

A tal processo me reporto, para explicar **claustrum**, **rastrum**, pois que i. e. é o suf. **-tro-**, que em ambos aparece, construído que foi pela adição de **-et-** e **-ero-**, ambos em zero vocálico, temático o segundo.

Como razão da presença de **-t-** depois de **-d-** nessas formas latinas, supõe NIEDERMANN *ib.* a série ***claudtrom** > ***clausrom** > ***clausrom** > ***claustrum**, em cujo último termo se acha a dental restaurada epenteticamente. Não creio entretanto ser aqui de estabelecer-se que, tal como em outros casos (**messis**, de ***mettis**; **fissus**, de ***fidtos**; **passus**, de ***pattos**; etc.) ocorre um grupo de oclusiva dental + **-t-**, transformado em **-ss-**. O **-tr-** de **claustrum**, **rastrum** é primitivo, não de elaboração latina. Unido a **-r-** num grupo natural e estável não passava a **-s-** esse **-t-**, não obstante precedido de outra dental. É que a própria associação lhe conferia poder de resistência articulatória e só a primeira dental se assibilava. Por outra palavras, a evolução de duas oclusivas dentais, que em gr. se processava no sentido de **-st-** (*οἶσθα*, de **οἶδ-θα*; *ἄπατος*, de **ἄ-πατ-τος*, etc.) e em lat. no sentido de **-ss-**, consumava-se neste último também no sentido de **-st-** quando a segunda dental se achava associada a uma líquida. Os antecedentes de **claustrum** são pois ***claud-tro-** e ***claustro-**, com um **-t-** indo-europeu, não com um **-t-** intercalado epenteticamente pelo latim, entre o **-s-** e o **-r-** de ***clausrom** > ***clausrom**.

Noutra hipótese, admitida a assibilação das duas dentais, **-ter-se-ia** dissimilado o segundo **-s-** antes de **-r-**, para formação

do grupo **-tr-**, segundo o processo de outros casos que passo a examinar.

Não me parece também de ser seguida a interpretação que para **funebriis** adota o mesmo foneticista *ib.* e no § 94. O **-n-** que serve de determinante do elemento radical não se desenvolve com **-es-** seguido de outros elementos, como sucede em **funereus**, **funeralis**, **funestus**, mas por meio do conglomerado **-edh-er-ei-** o mesmo que integra **celeber**, da raiz **kel-**. Para a adição de **-er-ei-:r-i-**, **-es-** postula **-et-** infixado e no grau zero, formando assim o grupo **-st-** como separador das vogais dos dois morfemas contíguos. Assim mostram **campester**, **equester**, **pedester**, **silvester**, **terrester**. A observação é extensiva a outras formas do mesmo morfema. O elemento integrador do t. **palud-**, de **palus**, aparece como **-us-** no composto sufixal **-usteri-:ustri-**, de **paluster**, enquanto no t. **salut-**, de **salus**, é o **-t-** substituído pelo **-dh-** > **-b-** de **saluber**. O sentido da oposição surda : sonora simples ou sonora aspirada não o temos, mas é assunto que bem merece investigar, neste ponto como em outras categorias.

Sōbrinus não se me afigura igualmente que seja o resultado da evolução **-sr-** > ital. **-fr-**, lat. **-br-**. Não temos aqui ***sōsr-**, como se afigura a ERNOUT & MEILLET *s.v.* "**soror**" e a NIEDERMANN *ib.*, isto é, ***swesor-** com **-or-** em zero vocálico; porém, segundo pretendo, *ex vi* do próprio caráter derivativo da formação, ***swes** ∅ **r-** > ***swessr-** > ***swesdhr-** > ***sōsbr-** > ***sozbr-** > ***sōbr-**. Como em **ἀνδρός**, de ***āv** ∅ **ρ** **ος** > ***āvρ** **ος**, onde o ∅ usou a catástase do **ρ** para converter-se em consoante homorgânica e para dissimilar-se em seguida na oclusiva do grupo **-δρ-**, passou a **-s-** a vogal reduzida e daí, por diferenciação, a **-dh-** no grupo **-dhr-**. Não será necessário dizer que a consonantização de ∅ ocorreu no âmbito do i.e., não da língua latina. Com efeito, a designação de sobrinho como *filho da irmã* era hábito da língua geratriz, como se vê pelo gr. **ὀδελφιδέος**, de **ὀδελφής**. Para uma e outra das duas formas empregou-se o tema do vocábulo que designava irmã, seguido de

um morfema indicador da filiação, **-ino-**, como em *Ῥκεανίνη* Hes. Teo. 507, **-ido-**, como em *Πηλείδης* Hom. A 245. Dou foneticamente como similar de **sōbrinus** a formação do gen. sg. gót. **swistrs**, sôbre o qual se cunhou o nom. acus. sg. **swistar**, ing. mod. **sister**. Mas o grau zero que ERNOUT & MEILLET apontam na forma lat., como na gót. e no dat. sg. scr. **svasré**, não o vejo senão neste último, pois, nas duas outras, **-b-** e **-t-** supõem -**o-** consonantizado em **-s-**, na base articulatória do **-s-** precedente, e daí, para formação de um grupo de oclusiva + vibrante, dissimilado no **-dh-** de **-dhr-**, lat. **-br-**, e no **-t-** do grupo **-tr-** da forma gótica.

Não é exata a forma **sobrinus**, de **-o-** breve, apresentada por MEYER-LÜBKE 8050. Também ERNOUT & MEILLET a grafam como **sōbrinus**. E parecendo certo que tal quantidade resulta da sonorização do primeiro **-s-** de ***swessr**, como p. ex. em **pōno**, de ***pos(i)no**, em *idem*, de ***isdem**, lugar não há para a sequência **-sr-** > **-fr-** > **-br-**. Indispensável se faz que outra seja a origem da labial sonora. É evidente que, se, como escreve NIEDERMANN, tivesse o **-s-** passado a **-f-** e se “dans l'évolution particulière du latin, le groupe *fr*, à l'intérieur du mot, évolua en *br*”, não poderia a sibilante, mudada em **-f-**, produzir a sonora responsável pelo alongamento do **-o-**.

Doutra parte, os casos de **diruo**, **dirigo**, cuja primeira sílaba representa o prevérbio **dis-** > **diz-** > **di-** mostram que, posto antes de **-r-** sonoriza-se o **-s-** para, em seguida, desarticular-se, cedendo as vibrações à vogal anterior, que se alonga. De ***swesr** + **ino-** sairia pois ***sōrinus**, não **sōbrinus** nem **sobrinus**. Não há como fugir à evidência de que algo havia de permeio entre os dois primeiros elementos dêste derivado, isto é, entre **swes-** e **-r-**. Havia, digo eu, a vogal do morfema **-or-**, aqui reduzido a **-o-** **r-** pela circunstância de encontrar-se numa formação derivativa.

Não ignoro que NIEDERMANN §§ 60 e 94 distingue dois casos de **-s-** anteposto a **-r-**, admitindo, de um lado, a evolução **-sr-** > **-fr-** para as estruturas antigas e, do outro, a desar-

ticulação do **-s-** e consequente alongamento da vogal anterior para as mais recentes, como são as do prevérbio **dis-**. Não temos porém, segundo pretendo, o direito de estabelecer tal diferença. Os casos de **-br-** < **-fr-** são muito melhor explicáveis de outro modo que não mediante o suposto de que tenha havido **-s-** em contato com **-r-** e de que ora o grupo por eles formado tenha passado a **-fr-**, como se afirma para **funebri-**, ora se tenha desfeito pela intercalação de **-t-**, como se diz para **claustrum**.

Segundo pois vimos, se não é i. e. o **-t-** de **-trum** em **claustrum**, **rastrum**, resultou da dissimilação de **-ss-** em **-st-**, jamais de uma epêntese latina ocorrida no interior do grupo **-sr-**; e em **-bri-** não se tem **-sri-** > **-fri-**, senão **-dhri-**, com **-dh-** normalmente evolucionado em **-b-**.

Por consequência, analiso lat. **tenebrae**, **terebra**, **cerebrum** como ***tem-edh-(e)ra-**, ***ter-edh-(e)ra-**, ***ker-edh-(e)ro-**, não como ***temesra-**, ***teresra-**, ***keresro-**. Para divergir da lição corrente baseio-me em que o scr. **támaḥ**, *trevas*, ved. pl. **támisraḥ**, *noite sombria*, **tamiráḥ** *sombrio*, scr. **çiraḥ**, *cabeça*, v. a. al. **hirni**, *cérebro*, citados por ERNOUT & MEILLET s. vv., provam sem dúvida a favor de **tem-**, **ker-** desenvolvidos com **-es**, **-as-**, **-ar-**. Não nos forcem porém a assentar que antes de **-r-**, isto é, antes de **-ri-**, grau zero de **-er-ei-**, ou de **-ro-**, forma temática e de grau zero de **-ero-**, fôsse **-es-**, por tôda a parte, o único *Wurzeldeterminativ* empregado. Ao contrário, o bem comprovado processo latino **-dh-** > **-b-** deve sugerir-nos que é com certeza esta sonora aspirada que se encontra nas formas acima, como elemento alternante da surda simples e da surda aspirada correspondentes. A êste respeito são assaz expressivos o gr. *τέρερον* e o irl. *larathar*, comparados ao lat. **terebra**. E como exemplo da mesma raiz **ter-** desenvolvida com morfema de consoante sonora simples, muito bem nos serve *τερηδών*, *-ónos*, lat. **terêdo**, *-inis*, isto é, **ter-éd-on-**.

Embora concedendo, sem razão, que em *latebra*, *scatebra* “le *b* pourrait représenter un *s* ancien”, não tem dúvida VENDRYES p. 238 em estabelecer **-dh-** para *terebra*, *palpebra*. Para o segundo aduz mais o valiosíssimo *doublet palpetra*, conservado por VARRÃO. Fica então muito perceptível que, em lugar de **-es-** (scr. *támaḥ*) ou **-əs-** (véd. *támisraḥ*), usava o i. e., antes de **-r-**, também o morfema **-edh-**, forma alternante de **-et-** e que o lat. bem conservou nos finais **-ebra**, **-ebris**. Como em *funebis* (**fun-edh-ris*), *muliebris* apresenta o **-es** do t. de *mulier* substituído, antes de **-ri-**, por **-edh-**.

* * *

Representam êsses grupos a derradeira fase de um processo de *desvocalização* dos morfemas iniciados por oclusiva e terminados por líquida, êles próprios constituídos pela adjunção de dois morfemas mais simples. Achava-se posto entre as duas consonâncias o elemento vocálico, que, na sua forma mais rica, é constituído por uma vogal longa e, em formas de vocalidade menos intensa ou nula, por uma vogal plena, por uma vogal reduzida ou por zero vocálico: *tēr*, *ter*, *tēr*, *tr-*. Preste-nos ex. para a última o adjetivo *πάτριος*; para para as duas primeiras *πατήρ*, *πάτερ*; para a penúltima o cretense *ἀλλόττριος*, cuja grafia com **-tt-** indica a sobrevivência da vogal evanescente, articulada no mesmo ponto da catástase da primeira dental.

Quando no v. I 556 diz o poeta da *Iliada*

κείτο παρὰ μνηστῇ ἀλόχῳ, καλῇ Κλεοπάτρῃ

tem evidentemente nesta última palavra um duplo **-t-** e com êle procede da mesma maneira que com o grupo inicial de *μνηστῇ*: incorpora o primeiro dos dois **-tt-** à sílaba precedente e põe-na assim em estado de ser escandida por longa. Os dois primeiros pés são pois constituídos por *κείτο πα* e *ραμ νης*,

respectivamente, e o sexto por $\pi\alpha\tau\ \tau\rho\eta$. Provinha o segundo -τ-, como ficou dito, do resquício vogal que subsistia entre a oclusiva e a líquida (- $\pi\alpha\tau\ \varrho\rho\alpha$).

Diferentemente faz Apolônio épico no v. II 239. Fugindo ao obstáculo de primeira quantidade de Κλεισπάτρη , usa da forma sincrética com inicial ditongada e -τ- simples e com isso pode contar como breve a penúltima sílaba:

$\text{Κλεισπάτρη}\nu\ \xi\delta\nu\omicron\iota\sigma\iota\nu\ \epsilon\mu\omicron\nu\ \delta\acute{o}\mu\omicron\nu\ \eta\gamma\omicron\nu\ \alpha\kappa\omicron\iota\tau\iota\nu.$

Todavia, a forma desvocalizada não era desconhecida de Homero. Ele constrói $\omicron\iota\alpha\ \beta\rho\omicron\tau\omicron\iota\ \alpha\acute{\nu}\delta\rho\epsilon\varsigma$, mas também $\epsilon\sigma\tau\iota\ \beta\rho\omicron\tau\omicron\omega\varsigma$ (HAVET § 45), o que significa, que num emprêgo o -β- inicial de $\beta\rho\omicron\tau\omicron\iota$ foi contado como duplo e noutro como singelo. No primeiro usou o poeta como longo o -α- de $\omicron\iota\alpha$, dando-o como fechado pela primeira labial e incorporando a outra na sílaba $\beta\rho\omicron$ -. A palavra realmente empregada foi, segundo analiso, $*\beta\beta\rho\omicron\tau\omicron\iota$, resultado da evolução de $*\mu\varrho\rho\text{-}\omicron\tau\omicron\iota > *\mu\mu\rho\text{-}\omicron\tau\omicron\iota > *\mu\beta\rho\omicron\tau\omicron\iota$. No segundo serviu-se do alótropo $\beta\rho\omicron\tau\omicron\iota$, de β- simples, o que lhe permitiu deixar breve a sílaba $\tau\iota$.

Assim, no v. N 480,

$\tau\omicron\iota\varsigma\ \delta\ \gamma\ \epsilon\pi\omicron\tau\rho\acute{\upsilon}\nu\omega\nu\ \epsilon\pi\epsilon\alpha\ \pi\tau\epsilon\rho\acute{o}\epsilon\nu\tau\alpha\ \pi\rho\omicron\sigma\eta\upsilon\delta\alpha$

conta como longa a sílaba -πο- e breve a sílaba -τα-, não obstante seja em ambas a respectiva breve seguida de oclusiva + líquida.

Foram os áticos que deram porém uso mais amplo às formas de zero vocálico dêsse tipo de morfema. Dai a denominação de *correptio attica* com que foi conhecido êste segundo uso de escandir. Com efeito, entre inumeráveis casos que se podem tomar à métrica dos trágicos, temos:

$\text{Μή}\ \pi\omicron\iota\ \tau\iota\ \pi\rho\omicron\upsilon\beta\eta\varsigma\ \tau\omega\acute{\nu}\delta\epsilon\ \kappa\alpha\iota\ \pi\epsilon\rho\alpha\iota\tau\acute{\epsilon}\rho\omega\ \text{(Ésq. Pr. 247)}$

$\text{Ὅ}\pi\omega\varsigma\ \delta\ \acute{o}\ \pi\rho\acute{\omega}\tau\omicron\varsigma\ \eta\mu\acute{\iota}\nu\ \eta\mu\epsilon\rho\omicron\sigma\kappa\acute{o}\pi\omicron\varsigma\ \text{(Sóf. Ant. 253)}$

$\tau\eta\varsigma\ \text{Τυνδαρείας}\ \theta\iota\gamma\alpha\tau\rho\acute{o}\varsigma\ \text{Ἰφ\acute{\iota}\gamma\epsilonνεία}\ \pi\alpha\iota\varsigma\ \text{(Eur. I. T. 5)}$

versos que nos dão, na primeira cita τ contado por breve antes de πp , na segunda $\acute{o}$ com a mesma medida antes de grupo igual, na terceira $-\gamma a-$ também breve antes de $-\tau p$.

Sabe-se que para os Romanos, desde Plauto e Terêncio, a fórmula corrente era a da *correptio* e que só a partir de Ênio se encontram sílabas, dantes sempre breves, contadas por longas antes de oclusiva + vibrante. Não creio porém que, por simples imitação dos gregos foi que os poetas latinos passaram, desde então, a ter como ancípite a sílaba posta antes dêsse grupo. Muito provavelmente, com a pronúncia de oclusiva simples, $-\text{tr}-$, subsistia a outra, de oclusiva dupla, $-\text{ttr}-$ proveniente de $-\text{t} \circ \text{r}-$. Assim se entende a admissão fácil desta em poesia. Desde que se tornou conhecido que entre os da Grécia uma e outra se aproveitavam para a metrificação, nenhuma dúvida tiveram os de Roma em os imitarem, pois que de lá vinham as regras e os modelos. O que é pouco natural e nada crível é que pretendessem pronúncia estrangeira para palavras latinas.

Não fornece matéria para espanto a coexistência dessas duas pronúncias, uma das quais de cunho sensivelmente arcaico, visto como outros traços de conservantismo possui a morfologia latina. Haja vista às palavras do grupo de **ager**, **aper**, onde mutuamente se excluem o elemento temático e a vogal do ditongo. Do conflito resultou a constituição de um paradigma heteróclito no qual somente o caso reto manteve a feição atemática primitiva. Note-se que era a tendência bastante enérgica para fazer-se sentir ainda na importação de palavras gregas. Assim $\pi\pi\epsilon\sigma\beta\acute{\upsilon}\tau\epsilon\pi\omicron\varsigma$ se tornou entre os Romanos **presbyter**.

Encontro-me também aqui em conflito com a lição dos autores quando, uniformemente, ensinam que foram as formas de **-ro-** as geratrizes das formas de **-er**, por via de certa evolução fonética. Reportando-se a Niedermann, exprime-a ERNOUT p. 43 nestes termos: "Dans les thèmes en **-ro-**, **-o-** en général est tombé après *r*; puis l's du nominatif s'est assimilé

à -r précédent... La géminée -rr- s'est à son tour simplifiée, et -r devenu syllabique après consonne a développé une voyelle *e*....”

Menos explicitamente, porém no mesmo sentido diz LINDSAY p. 534 que “in the Nom. Sing. masculine RO-stems dropped at some early period the final *ōs* if the syllable preceding the *r* had a short vowel, e. g. *vīr*, not **vīros*...” Ningüém poderá entretanto razoavelmente impugnar que *vīr* tenha existido independentemente de *vīro-*, pois o prova o derivado *virtus*, construído sobre um radical atemático, como *iūventus* sobre *iūven-* e *senectus* sobre *senec-*. Do outro lado entretanto, do t. *servo-* tirou-se *servitus*, não **serutus*, do mesmo modo que de *fero-*, *vero-* se obteve *feritas*, *veritas*, não **fertās*, **vertās*.

A observação é aplicável às demais palavras de nom. em -*er*, final que invariavelmente se tem como representante dum segundo momento de -*ro*. Todavia mostra o copioso número de nomes terminados em -*rus*, de estruturas as mais diversas (*austērus*, *secūrus*; *pūrus*, *clārus*; *ferus*, *verus*; *numerus*, *umerus*; etc.) que não se pode considerar real a existência de tendência fonética acima exposta, mas que -*er*, preexistindo a -*ro*, manteve-se nos casos retos de numerosos vocábulos, para cuja flexão se adotava entanto pelos Romanos a estrutura temática.

Não será de mister insistir sobre o caráter secundário desta, sabido como é que “les thèmes à suffixe zero du type athématique sont d'autant mieux représentés dans une langue que celle-ci est attestée sous une forme plus ancienne, et ils disparaissent rapidement à l'époque historique” (MELLET p. 256). A passagem ao tipo temático, que algumas línguas realizaram regularmente, fê-la só em parte o lat. nas palavras integradas por -*er*. Se num caso como lat. *umb. ager*, o gr. e o véd. preferiram estender a tôdas as formas a

estrutura temática e de grau zero (*ἀγρός*, *ájraḥ*), limitou-se o itál. a aceitá-la para os casos oblíquos. Na Grécia entretanto *ἀστήρ* e *ἀστρον* tem cada um flexão completa e independente. Tal como para o scr. *nā* × *nārah*, *homem*, o -o- ajuntado ao t. em -er criou, não só um nominativo, mas tôda uma declinação temática, sem prejuizo da outra, paralela, atemática.

Para a coexistência de formas sufixadas e de formas de sufixo zero, dentro do i.e. e ainda dentro dos próprios idiomas derivados, sirvam-nos de documento o scr. temático *nārah* ao lado do sab. **Nero**, de suf. nasal; hom. atemático **οἶζ*, deduzido do ilat. *οἰκαδε*, ao lado dos temáticos *οἶκος*, lat. **vicus**, scr. *vécaḥ*; etc.

Pode-se pensar que no nom. preservou o grau pleno do -er o pendor de implosão que a vibrante, *littera canina*, apresentaria em itál. O osco **famel**, equivalente a **famulus**, o **famul** de que ainda se serve Lucrécio, citado por EARNOUT p. 45 e LINDSAY p. 53, levariam a acreditar que até certa época também a lateral tendeu para implosiva.

Devo esclarecer que em **cerno**, **ter**, diferentemente do que ainda aceitei em "*Presbita*". "*Diátribe*". "*Frenésis*". p. 10, não creio que tenha havido a adjunção de -i-, -is a **kr-**, **tr-**, com posterior absorpção da soante pelo -r- e desenvolvimento de -e-. Este é sem dúvida primitivo e integra a forma não desenvolvida da raiz (**ker-**, **ter-**); arcaísmos de que já o gr. e o scr. se tinham desembaraçado, conforme se vê claro por **tris**, nestes dois idiomas.

Formações lats. como **auspex**, **tubicen**, compostos cujos segundo elemento se identifica em **specis**, **cano**, mostram como também no Lácio se conservara o processo i. e. de construir nomes de agentes com a forma atemática da raiz do vb. respectivo. **Consulo** representa, no meu entender, uma das várias estruturas erguidas sobre **sed-**, *estar sentado*, mudado o -d- em -l-, talvez dialectalmente, à maneira do que ocorreu em

olor, lacrima, solium, lingua. Assim, *consedo > *conselo > consulo. Ao vb. fez-se corresponder o subst. consul, atemático, como às formas verbais com -d-, da mesma raiz, correspondem os *nomina agentis* de t. em dental *deses, praeses, reses*, atemáticos, também constituídos por prevérbio + *sed* + desinência.

Praesul, palavra designativa do padre que dansava à frente, na procissão dos Sálíos, deve neste valor prender-se a **salio**; mas é fácil ver que se liga a **sedeo** quando assume o significado de *presidente*. Por esta acepção, só documentada no Império, percebe-se que era ,ainda em época tardia, sentida a força original de **consul**, como equivalente a *qui sedet cum...* **Consulere** deve ter tido a comêço, com efeito, valor aproximado do de **considerare** e **consilium** do de **consensus**.

Se Lucano, em IX 1071,

Mississem, Cleopatra, caput. Secreta quid arma

em X 56,

Caesar erat: cum se parva Cleopatra biremi

em X 62,

Hesperios auxit tantum Cleopatra furores

e Juvenal, em II 109,

maesta nec Actiaca fecit Cleopatra carina,

usam sempre de **Cleopatra** com -t- geminado é porque, carecendo de aceitação a forma **Cleiopatra**, de Apolônio, não poderiam introduzir no hexâmetro a forma de primeira sílaba breve e -t- simples, de certo tão legítima e talvez tão corrente quanto a primeira.

Para MEILLET & VENDRYES o alongamento de posição decorria, como se lê no § 203, da circunstância que “devant la sonante, l’occlusive était géminée; ou prononçait quelque chose comme *partipi*.” Mas tal interpretação somente é verdadeira para os casos de sobrevivência de vogal sob forma reduzida. Realmente, na sua última fase, o grupo oclusiva + líquida não vale, foneticamente, mais do que uma oclusiva simples. É tão impotente de dar posição como **-kʷ-**, resultante da desvocalização de ***kew**. E tanto quanto a semi-vogal, perde a líquida a independência articulatória, passando a constituir mero apêndice da articulação da oclusiva. Se na pronúncia de **-kʷ-** deve o sopro, depois da explosão, passar pelo orifício dos lábios arredondados, também na pronúncia de **-tr-** não tem o sopro saída livre, mas passa entrecortado pelo movimento vibratório da língua contra o palato. Assim o **-w-** como o **-r-** são complicações da metástase dessas oclusivas, não consonâncias autônomas. Sabiam-no os antigos, que, dividindo sílabas, nunca separaram a associação de oclusiva + **r** ou **l**, mas a atribuíam integral à sílaba subsequente, prendendo-a à vogal desta. Eis por que não pode ser verdadeira a tese (NIEDERMANN § 105) de que nesses casos o alongamento de posição resulta da circunstância de que a oclusiva era pronunciada como parte da sílaba anterior. O processo seria tão artificial e inadmissível como pretender separar p. ex. **aliquis** em **aliq-** e **-wis**.

Mas, se em lat. o **e-** de **equus** não podia ser contado por longo, podia sê-lo o **i-** da forma gr. correspondente. É que *ἵππος*, dial. *ἱκκος*, assenta na forma de transição de **-kew-** para **-kʷ-**, isto é, **-k ɔ w-**. Assim, o arquétipo para êsse discutido e complicado vocábulo não creio que seja ***ekwo-**, como é geralmente deduzido, à vista do scr. *ácvah*, célt. **epo-** etc., mas deve ser ***ekewo-**. Assim proponho, vendo nessa formação temática dois elementos juxtapostos, **ek-** e **-ew-**, ambos reduzidos em gr., portanto, **ɔ k-** e **-ɔ w-**. Articulou-se o segundo ɔ

na catástase do **-k-**, produzindo a forma dialectal citada (Tar. e Epid.), através de **ικκφος*. Na maior parte do domínio do grego, **kwo** passou porém, como se admite sem contradita, a **kwo**, e daí, regularmente, a *πo*. A êsse *-π-* se assimilou o **-k-** final do primeiro morfema.

Tal a interpretação que sugiro, em lugar de admitir indistintamente que, antes de soante, a oclusiva se tornava geminada. Não é melhor do que a de MEILLET & VENDRYES a GRAMMONT p. 137-8: "La coupe des syllabes est entre les deux consonnes, et la catastase du **w** (do i.e. **ekwos*), appuyée par le **k**, devient tout l'abord une catastase d'occlusive avec le point d'articulation du **w**, donc un **k**: **ek-wos...*". Nada há contra o corte silábico no ponto sugerido, mas não vejo como, estando em contacto com a oclusiva, poderia o **-w-** esquivar o seu primeiro destino de transformar-se em apêndice labial. Só o evitaria um elemento interposto, precisamente a vogal reduzida que alvitro e que constitue o fundamento desta interpretação. Quanto à aspição do *z-* não me parece problema mais árduo do que o de *όμεχλη* ou o de *ιπταται*.

E também uma vogal reduzida que explica, a meu ver, o duplo **-t-** do at. *τέτταρες*, o duplo **-s-** do eól. *πίσσονες*, i. e., respectivamente, **k^wet ɔ w ɔ r-**, **k^w ɔ t ɔ w r-**. Quanto ao **-a-** do lat. **quattuor** pertence a outro tipo de oposição, isto é, a *ã x ɔ*. Pode a longa ser vista no ordinal **quartus**, representante de **k^wā(t ɔ wo)rto-*, onde a haplogogia explica a eliminação do elemento **-t ɔ wo-**; o *ɔ* identificamo-lo no cardinal, que continua **k^w ɔ t ɔ wor-*. Fica subentendido que não dou ao **r** chamado vocálico na fonologia i.e. a função de gerador do lat. **-cr-**, gr. *ρα* ou *πα*, germ. **ur**, scr. **r** e que tenho por primitivo o elemento vocálico que precede ou sucede à soante. Ao át. *τέταρτος* deve-se interpretar pois como **k^wet ɔ rto-*, ao hom. e béo. *τέτρατος*, como **k^wetr ɔ to-*, ao dór *τέτορες* como **k^wetwor-*.

O pren. **Quorta**, de ***k^w(āt^ow)**orto-, mostra com nitidez a procedência da interpretação haplológica.

* * *

Mais lenta e tardia foi a desvocalização do grupo oclusiva + lateral.

Para Homero, como em δ 232,

ἀνθρώπων ἧ γὰρ Παιήονός εἰσι γενέθλης,

para Sófocles, como no *Fil.* 453,

ἐγὼ μέν, ὦ γένεθλον Οἰταίου πατρός,

a sílaba breve anterior a -θλ- se alonga. Temos, pois, em γένεθλον, realmente, *γεν-ετθλο-, isto é, ***gen-edh^o lo-**.

Doutro lado, encontramos porém em Eurípides, *I.T.* 15,

δεινῆς δ' ἀπλοίας πνευμάτων τ' οὐ τυγχάνων,

com a sílaba -α-, antes de -πλ-, contada por breve, como cumpria, visto como não existe, documentadamente, dentro dêste grupo, quando ligado ao sentido de *navegar*, outro grau que não zero vocálico.

A resistência do elemento vocálico de -el- melhor se comprova em latim, onde, sem razão, ensinam os autores que os grupos interiores -cl-, -bl-, recebem a epêntese de uma vogal entre as duas consoantes: **stabulum**, de ***stablo**, **vinculum**, de **vinclum**. Consoante porém entendo e acima expus, -ul- representa -el- ou -ol- primitivo, mudado o timbre da vogal pela velaridade do -l-, como em **facilis** foi afeiçoado em -i- porque outro era o valor da lateral. Em favor do grau pleno do morfema militam elementos de comparação como lat. **porculus**: v. a. al. **farheli**, al. mod. *Ferkel*. Todavia, não é de excluir a hipótese de **stadh-^o lo-**, **dhək-^o li-**, estruturas onde a

vogal reduzida não se consonantizou, à maneira de em **templum**, **exemplum**, porque formações como ***stabblum**, ***facillis** só as veio o lat. a conhecer tardiamente. Cf. GRAUR p. 32. É que, segundo explicou NIEDERMANN em *Mélanges* p. 74, o surgimento da geminada em tal posição seria devido “à la prononciation en staccato motivée elle-même principalement par l’accent d’intensité renaissant”. Temos assim que, por efeito dessa anterior dificuldade, o -l- haveria atingido o grau pleno, daí passando a -ul- ou -il-, de acôrdo com o ponto de articulação do -l-.

Nos últimos tempos da evolução do lat. já eram de todo vencedoras as formas sem elemento vocálico, conforme fazem ver as derivações românicas (ptg. *abelha*, esp. *abeja*, cat. *abella*, it. *pecchia*, de ***aplica** ou ***apiccla**; ptg. *velho*, esp. *viejo*, it. *veglio* e *vecchio*, eng. *vegl*, de **veclu** ou ***vecclu**; etc.).

Cleopatra, com acento paroxitono, constitue em ptg. forma sem base etimológica. Usou dela Camões em *L. III* 141,

Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado:

Nisso porém e também nisso não fazia mais que seguir os italianos, (2) que, desde pelo menos dois séculos e meio, vinham adotando para êste, como para muitos outros vocabulos gregos, a pronúncia grega, aqui coincidente com a da métrica dos Romanos. Assim DANTE no *Par.* VI 76-8,

“Piangene ancor la trista Cleopatra,

Che, fuggendogli innanzí, dal colubro
La morte prese subitana ed atra.”

e ARIOSTO no *O. F.* VII 20,

“Di Cleopatra al vincitor latino,”

(2) V. meu “*Andrade*” e *Andrada*”, pp. 7-9.

Se aceitável ao tempo de Lucano e Juvenal, quando **-patra** soava, por vezes ainda, para alguns, ***pattra**, não mais devia existir, na língua viva, essa prosódia quando o latim se foi convertendo nos romances. Não tem portanto em ptg. justificativa maior do que teria p. ex. a acentuação grave em *Pérides*, em *célebre*.

* * *

À luz da mesma doutrina proponho que se examinem os vocábulos do tipo ptg. *ombro*, *combro*, esp. *hombre*, *hembra*, fr. *nombre*, *combler*, *sembler*, ptg. esp. *engendrar*, fr. *gendre*, etc., em cuja formação pretendo que se revela a presença anterior de uma vogal reduzida.

O ensino corrente explica, nesses e múltiplos outros exemplos, o surgimento do **-b-** e do **-d-** como epênteses articulatórias, destinadas a separar os grupos **-mr-**, **-nr-**, os quais se teriam constituído em consequência da eliminação da vogal média breve dos respectivos étimos (**umeru**, **cumulu**, **homine**, **femina**, **numeru**, **cumulare**, **simulare**, **generu**). Muito claro é a este respeito MENÉNDEZ PIDAL § 59): “Los grupos de nasales y líquidas añaden casi siempre una oclusiva sonora intermedia, pues ambas continuas son difíciles de pronunciar seguidas sin que surja entre ellas la interrupción de una oclusiva”. E explicando *semblante*, *cambra* etc., NUNES p. 143-4 menciona a “intercalação de uma consoante da natureza da primeira do grupo, para mais fácil pronúncia dêste, o que se dá com o **-m-**, que, quando seguido de lateral ou vibrante, exige a pronúncia de um **-b-...**”.

Insatisfatória é a explicação dos dois ilustres mestres ibéricos. Não é de desdizer que os grupos de nasal + líquida sejam de pronúncia difícil e que a interposição de uma oclusiva resolva essa dificuldade. Mas uma vez que êsse é fato natural do idioma e não o resultado de uma escolha raciocinada, o que está por explicar são as condições fonéticas que

provocaram a ocorrência desse som, ou, o que é em verdade o mesmo, por que foi essa e não outra a solução fisicamente adotada.

Não melhora a situação do problema nos termos empregados por BOURCIEZ § 274: "Les groupes formées par deux liquides *m'r*, *m'l*, et *n'r*, *l'r*, *s'r*, qui sont tous d'origine romane, offrent un cas particulier. Au N. de la France, tous ces groupes ont amené entre leurs éléments la production d'un son transitoire, qui est *b* pour les deux premiers, et naturellement une dentale pour les autres: a. fr. *chambre* = *cam(e)ra*... Au Midi, la tendance ne se vérifie que pour les premiers groupes (prov. *cambra*...)".

Como JURET e LEJEUNE acima citados, BRUNOT & BRUNEAU § 62 servem-se da idéia da divisibilidade e desnasalação parcial das nasais: "Dans *chambre* < *cameram*, *comble* < *cumul*, *cendre* < *cinerem*, *plaindre* < *plangere*, la consonne *b*, *d*, n'est autre chose que le résultat de la dénasalisation de la partie postérieure de l'*m* et de l'*n*".

Conforme leio no seu § 285, havendo SÁ NOGUEIRA formulado anteriormente a regra: "Quando, por efeito de queda de vogal intermédia, (o *m*) ficava entre vogal e *r* ou *l*, desenvolvia-se um *b* entre os dois", dela dissentiu depois, escrevendo: "Assim se exprimem em geral os tratadistas. Creio, contudo, que essa explicação não é verdadeira. Creio ter argumentos para provar que em tais casos *não houve desenvolvimento de um fonema novo*, mas sim a *desnasalação da consoante m*. Segundo este critério, a nasalidade do *m* teria passado a afectar a vogal precedente, tornando-se êle oral, isto é, *b*. Caso análogo deve ter-se passado com *honorare* > *ondrar*".

Do meu lado, julgo ter deixado claro, quando versei os casos de *μειμβρία* e *ἀνδρός*, a inadmissibilidade do suposto de que se haja desnasalado a parte posterior dessas explosivas. Acresce que nenhum cabimento teria tal interpretação num caso como o do fr. *moudre*, tirado do lat. *molere*.

Nestes e outros muitos numerosos fatos congêneres, também impugno, como fiz para os gregos e latinos acima estudados, a explicação epentética. Não me parece que exista razão para que se diga, com os dois últimos autores franceses *ib.* que “un son nouveau se développe et apparait” e que “la langue... produit un son naissant qui se développe progressivement”.

Os grupos *-br-*, *-bl-*, *-dr-*, são também normais na fonologia românica e germânica e para formá-los, num e noutro dêsses dois grupos, ocorreu, não o surgimento de uma oclusiva *ex machina*, mas uma dissimilação idêntica às que consideramos naqueles vocábulos das duas línguas mediterrâneas.

Tal a explicação que proponho para o hol. *Hendrick*, forma que perpetua, no germ., uma fase anterior à do al. *Heinrich*, isto é, a época quando a segunda parte do composto (*-rich*) ainda apresentava o elemento vocálico que precedia a soante. A essa vogal o gr. conservou viva em ὀρέγω, ὀριγνᾶσθαι, ὄργυια, três formas onde o *-e-* se apresenta respectivamente sob grau pleno, reduzido e zero; em ἀρήγω, onde a breve inicial representaria um *a*, tanto quanto o indica o scr. **irajyāti**, *dirige*; etc. O gót. responsável pelo fr. *Amaury*, *Aymery*, *Mauri*, *Emery* etc., pelo it. *Americo* ou *Amerigo* aparece sob uma dupla forma latina **Amalaricus** e **Amaldricus** (CHESSEX p. 43-4), onde o *-d-* evidencia a persistência da vogal inicial do mesmo *-rich*, reduzida, articulada na catástase do *-l-* do elemento precedente, transformada pois no segundo *-l-* da dupla *-ll-* e por fim dissimilada no *-d-* de *-dr-*. O que melhor se exprime pela seqüência **Amal(a)-o riko > *Amaltriko > Amaldriko*. Outra latinização **Carolus**, quando comparada ao al. *Karl*, legitimamente persuade da presença medieval do elemento vocálico, hoje eliminado, antes do *-l-*.

Interpretando como evolução normal de um *a* o *-i-* inicial da forma sanscritica supra, acórro ao problema suscitado por ERNOUT & MEILLET p. 858, que reputam ai “obscura” esta soante.

Não se eliminaram portanto as breves postônicas de *umeru*, *femina*, *generu* etc. para assumirem as formas ptg. esp. *ombro*, esp. *hembra*, fr. *gendre*. Reduziram-se também a *o*, residuo vocálico que, nesses romances, do mesmo modo que *la*, se consonantizou, adotando o ponto da articulação daquelas nasais. Do duplo *-m-* e do duplo *-n-* assim formados saíram *-mb-* e *-nd-*, por desnasalação do segundo elemento da geminação. Provocou-a o velho impulso orgânico que leva à constituição daqueles grupos de oclusiva + líquida.

Temos assim que o ptg. *ombro* não representa *umeru* > **umru* > **omro*, senão *umeru* > **um^oru* > **ommro*; que o ptg. esp. *lembrar*, arc. *membrar*, *nembrar*, it. arc. *membrare*, fr. arc. *membrer* não continuam *memorare* > **memrare*, porém *memorare* > **mem^orare*; que o esp. *cendrata* não está por **cinerata* > **cinrata*, mas por **cinerata* > **cin^orata*; que o fr. *moudre* não resultou de *molere* > **molre* > *moldre*, e sim de *molere* > **mol^ore* > **mollre* > *moldre*. O fr. *pondre* deriva evidentemente de **ponnre* < **pon^ore* < *ponere*, como o futuro *viendrai* de **vennr-* < **ven^or-* < *venir-*. O nome da sexta-feira em três destas línguas, esp. *vernes*, it. *venerdi*, fr. *vendredi*, mostra, na primeira e na segunda, o grau pleno do segundo *-e-* de *Veneris dies*, mas o grau reduzido na terceira: **Ven^oris-* > *vennre-* > *vendre-*. Nos vocábulos e nas épocas em que a breve tenha sido de todo eliminada, não há *-b-* nem *-d-*, como se vê pelo ptg. *tenro*, *genro*, pelo ptg. esp. *honrar*, pelo fr. *genre* (de **genere*), pelo esp. arcaico *nomme*. (3). Eliminação total houve também no fr. *être*, que deriva imediatamente de **essre* e onde a surdez do *-s-* dissi-

(3) “En el siglo XIII coexisten en diversas regiones las formas *nomne*, *nomre* y *nombre*”. (M. PIDAL § 59). De acôrdo com a explicação que apresento, as duas primeiras formas derivam de *nom(i)ne*, a terceira de *nom^one*, aquela com *-en-* > *-in-* no grau zero, esta com *-en-* > *-in-* no grau reduzido. O processo se exprime pois desde o lat. por *nomine* > **nom^one* > **nommne* > *nombre*.

milado (arc. *estre*) explica o *-t-*. **Meliorare** perdeu *-yo-* antes que o *-l-* passasse a *-d-* na formação do grupo *-dr-* do ptg. esp. *medrar*, de **melrar*. O fr. *famine* parece-me que continua **famine* (nom. **famen*), donde saiu o esp. *hambre*, arc. *fambre*, através de *fam* e *ne* > **fammne*, como *hombre*, de **hom* e *ne* > **hommne*.

Não devo porém omitir que, independentemente da possibilidade da formação de tais grupos, a dissimilação pode ocorrer por simples diferenciação, como no fr. *Allemand*, de *Alemannus*, análogo ao al. mod. *Spindel*, arc. *Spinnel*. Não tem fundamento etimológico o duplo *-l-* dessa grafia francesa. À luz da doutrina aqui defendida não acerta também GRAFF, quando alude p. 221 aos "so called cases of epenthesis, where a new sound is added in the body of a word (compare Lat. *tener* with Engl. *tender*)". É como *teneru* > **ten* e *ru* > **tenne* > *tendre* > **tendr* que devemos interpretar, desde o fr., a gênese dessa forma inglesa.

Excelente subsídio para as proposições dêste artigo tomo ao citado foneticista luso. No mesmo tópico em que defende a tese da desnasalação do *-m-* e do *-n-*, cuja prioridade elegantemente reconhece ao Prof. Francisco Torrinha, alude à "forma açoriana *cumpçar* por *começar*, que "lhe havia sido apresentada pelo ...Sr. Dr. Pamplona Forjaz". Constitue êsse *-mp-* mostra claríssima, não de que o *-m-* aí se desnasala, mas de que o *ç* do *com* e *çar*, forma reduzida de *começar*, se consonantiza no mesmo ponto da articulação dessa consoante.

Não são ainda casos de desnasalação, porém de antecipação da nasalidade, os do ptg. **primbo**, por **primo**, do esp. **rumbo**, por **rumo**. O véu palatino, que deve descer enquanto se articula o *-m-*, realiza êsse movimento antes do tempo adequado, no curso da emissão do *-i-*, do *-u-* precedente. E como sobe ato contínuo, soam nasais essas soantes vocálicas e oral a consoante seguinte. Em lugar de simples *-b-* passa esta porém a formar o grupo *-mb-*, pois, alongada pela nasalidade, aquela logo lhe transfere a quantidade. Nessa dupla labial,

é nasal a primeira articulação, por contágio da nasalidade da vogal anterior. Do mesmo modo como acima dissenti da possibilidade de se desnasalarem parcialmente consoantes explosivas, deixo, também neste ponto, de adotar o ensino de SÁ NOGUEIRA § 258, para quem *primbo* se explica como produto de “desnasalação regressiva” do *-m-* “em relação ao *u* (=o)”, que o segue.

Exata é porém, a meu ver, a explicação que *ib.* se vê para o ptg. *tamén* < *também*, *lamer* < *lamber*, para o esp. *paloma* < *palumba*, *lomo* < *lombo*, etc. Houve aqui, com efeito “retardamento do véu palatino”, que, por não baixar logo após a articulação do *-m-*, fez que se nasalasse também o *-b-*. Simplificou-se em seguida o duplo *-mm-*.

Para BOURCIEZ § 342 está o esp. “*estrella* pour *stella* sous l'influence de *astrum*”. Lê-se em DAUZAT s. v. *registre*: “la forme fr. a été infl. par *épistre* > *épître*”; e em BLOCH & WARTBURG: “registre paraître avoir été refait sur *épistre*”. G. VIANA I. p. 357 tem para o ptg. *estrêla* a mesma explicação de BOURCIEZ. Acompanha-o NUNES p. 165 e outros. Não seria razoável impugnar em numerosos casos a influência coadjuvante ou provocadora do *-r-* de palavras conexas, como no caso de *astro* e *estrela*. O fenômeno tem porém sentido mais amplo e profundo. Tendem as línguas latinas a criar os grupos *-tr-* e *-str-* onde a vibrante não era historicamente esperável. Cf. it. *scheletro* (gr. σκελετός), ptg. *mastro* (arc. *masto*) etc. Nisto ampliam o impulso avito acima considerado. Nem é o fenômeno próprio do nosso idioma, como parece ter pensado d. Carolina citada por NASCENTES s. v. *estralar*. Cf. *encre*, arc. *enque*, it. *inchiostro*, gr. ἐγκανστον.

* * *

Entre os dados acima conferidos, vimos que 9 assinala a formação derivativa, consoante ficou exposto em casos como os de *πίτνω* e *μεσημβρία*. O surgimento da vogal reduzida

tem a sua explicação primeira no fato que uma vogal é tanto mais breve quanto mais numerosos são os elementos fonéticos com ela enunciados e que com ela integram a unidade do mesmo vocábulo. Nenhuma dúvida deixam neste particular as experiências de ROUSSELOT, cujos resultados se veem sintetizados nestes períodos (II p. 999): “Des expériences bien conduites sur la durée des syllabes d’abord isolées, puis entrant dans les groupes formés par le sens, dans des éléments de périodes ou de vers, mettent en relief les changements de durée qui sont dus à ces diverses causes. La composition des mots, même dans les langues, où elle est dissimulée sous l’orthographe, comme en français, amène de notables changements dans la quantité des éléments réunis... La durée diminue dans le groupe; elle diminue encore davantage dans le composé”.

Esse enfraquecimento da vogal, assim traduzido pela menor duração, representa evidente fenômeno de ordem fisiológica. Às circunstâncias materiais que o condicionam opõem-se porém o fator intelectual da importância que o elemento ameaçado reveste na palavra. Quanto mais sensível fôr o seu valor de expressão, tanto mais resistente será a sua quantidade original. Assim ocorre p. ex. nas longas finais de significado categórico, qualquer que seja a amplitude da estrutura vocabular a que pertençam. Do outro lado, compreende-se muito bem como sejam levados ao grau zero ou à forma reduzida morfemas formadores de derivados. A subordinação em que se acham para com a parte do termo que encerra a idéia principal não pode constituir para êsses elementos agente de preservação. Ao contrário, no espírito do *sujet parlant*, propende a exprimir-se essa dependência pelo fácil consentimento à deflação da vogal.

Dêsse modo, cedo se ligou o residuo vocálico à morfologia da derivação e dela se fez marca frequente. Mas perdeu todo o significado com a ruína do sistema do *Ablaut* e.

segundo a posição no vocábulo, a natureza e a influência dos sons vizinhos, assumiu então valor consonântico, à maneira dos casos supra, ou vocalidade plena, de mais de um timbre, como veremos oportunamente.

Nas formas românicas, desprovidas que eram de *substractum* apofônico, a vogal reduzida não parece indicar senão *afrouxamento da articulação vocálica*, sob a influência dos agentes fonéticos que consumaram a mudança do latim nos dialetos que hoje o representam.

BIBLIOGRAFIA

Foram referidos nas páginas precedentes os seguintes autores:

- BLOCH (Oscar) et WARTBURG (W. von). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. Paris 1950.
- BOISACQ (Émile). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Edelberga, Paris 1938.
- BOURCIEZ (Édouard). *Éléments de Linguistique Romane*. Paris 1930.
- BRUNOT (Ferdinand) et BRUNEAU (Charles). *Précis de Grammaire Historique de la Langue Française*. Paris 1937.
- BUCK (Carl Darling). *Comparative Grammar of Greek and Latin*. Chicago 1942.
- CHANTRAINE (P.). *La formation des noms en Grec Ancien*. Paris 1933.
- CHESEX (Pierre). *Origine des Noms de Personnes*. Lausana 1946.
- COIMBRA (Aluizio de Faria). "Presbita". "Diátribe". "Frenésis". Estudo Morfológico. S. Paulo 1949.
- COIMBRA (Aluizio de Faria). "Andrade" e "Andrada". Estudo Morfológico. S. Paulo 1950.
- DAUZAT (Albert). *Dictionnaire Étymologique de Langue Française*. Paris 1938.
- ERNOUT (A.). *Morphologie Historique du Latin*. Paris 1935.
- ERNOUT (A.) et MEILLET (A.). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris 1939.
- GONÇALVES VIANA (A. R.). *Apostilas aos Dicionários Portugueses*. I. Lisboa 1906.
- GRAFF (Willen L.). *Language and Languages*. Nova Iorque 1932.
- GRAMMONT (Maurice). *Phonétique du Grec Ancien*. Lião 1948.
- GRAMMONT (Maurice). *Traité de Phonétique*. Paris 1939.
- GRAUR (A.). *Les Consonnes Géménées en Latin*. Paris 1929.
- HAVET (Louis). *Métrie Grecque et Latine*. Paris 1935.
- JURET (Abel). *Vocabulaire Étymologique de la Langue Hittite*. Li-moges 1942.

- JURET (A.-C.). *Phonétique Grecque*. Paris 1938.
- LEJEUNE (Michel). *Traité de Phonétique Grecque*. Paris 1947.
- LINDSAY (W. M.). *A short historical Latin Grammar*. Oxônia 1937.
- MEILLET (A.). *Introduction à l'étude comparative des Langue Indo-Européennes*. Paris 1937.
- MEILLET (A.) et VENDRYES (J.). *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*. Paris 1948.
- MENÉNDEZ PIDAL (R.). *Manual de Gramática Histórica Española*. Madrid 1941.
- MEYER-LÜBKE (W.). *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Edelberga 1935.
- NASCENTES (Antenor). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro 1932.
- NIEDERMANN (Max). *Phonétique Historique du Latin*. Paris 1931.
- NUNES (José Joaquim). *Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa 1930.
- ROUSSELOT (Abbé P.-J.). *Principes de Phonétique Expérimentale*. Paris 1924.
- SÁ NOGUEIRA (Rodrigo de). *Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português*. Lisboa 1941.
- SCHWYZER (E.). *Griechische Grammatik*. I. Munique 1934.
- VENDRYES (J.). *Recherches sur l'histoire et les effets de l'intensité initiale en Latin*. Paris 1902.
- WRIGHT (Joseph). *Comparative Grammar of the Greek Language*. Oxônia 1912.

R É S U M É

L'auteur n'accepte pas les leçons généralement admises que dans les mots grecs comme *μεσημβρία* ou dans les mots latins comme **templum**, il y ait eu l'épenthèse d'une labiale parasite ou la formation d'une explosive, en conséquence de la dénasalisation de l'-m- précédent. À son avis, il existait d'abord, devant l'-r- et l'-l-, un résidu vocalique, représenté ici par *o*, qui constitue en effet la forme réduite de la voyelle du morphème suivant (-er-, -el-). On arrive facilement à l'évidence de la réalité de cet élément vocalique en comparant ces deux formations thématiques, le lat. **templum** et le gr. *τέμενος*, de même racine, de morphologie analogue et de sens prochain. L'auteur les décompose respectivement en **tem-o-lo-** et **tem-eno-** et prétend que cet *o*, ne pouvant pas se définir comme voyelle pleine, s'est appuyé sur la catastase de l'-m- implosif, a adopté son articulation et est devenu avec lui -mm-. Placé devant un -r- ou devant un -l-, le second -m- s'est dénasalisé pour former le groupe -br- ou -pl-, d'occlusive + liquide, donc normal comme association de consonnes dans la phonologie i. e.

Le fait se présente très fréquent dans les langues romanes, comme p. ex. fr. *vendredi*, *pondre*, ptg. esp. *lembrar*, ptg. *ombro*, it. arc. *membrare* etc., qui montrent -e- ou -o- latins d'abord réduits à *o* et, après s'être articulés dans la catastase de la nasale antérieure, dénasalisés en -d- ou -b-. Les langues germaniques nous donnent aussi quelques exemples, comme dans la latinisation médiévale **Amaldricus** à côté d' **Amalaricus**, le néerlandais *Hendrick* à côté de l'allemand *Heinrich*.

D'autre part, lat. **claustrum**, **rastrum** ne résultent pas non plus d'épenthèse de dentale avant -ro-. Si le suffixe -tro- n'y est pas primitif, il est né de la dissimilation du -dt- > -ss- avant l'-r-, consommée pour permettre la formation du groupe -tr-.

Les associations d'occlusive + liquide se placent naturellement dans la ligne des conséquences de l'*Ablaut*. Elles viennent de la

dévoicalisation de deux morphèmes juxtaposés qui ont perdu chacun son élément vocalique. Néanmoins il y a, entre la présence et la disparition totale de la voyelle pleine, le degré intermédiaire qu'exprime *o*. Sous cette forme, la voyelle donne lieu au redoublement des consonnes qu'elle précède. La scansion *-pātra* ne signifie pas *-pat-ra-* mais *-pat-o-ra > -pattra*. Il est sûr que l'évolution s'est fait dans la direction de la *dévoicalisation croissante*, comme le prouvent quelques formes romanes et la *correptio attica*.

Les mots latins du type *ager*, *-i* appartiennent à un paradigme hétéroclite, à nominatif athématique. C'est à tort qu'on voit dans ces formes *-er* × *-ro-* le résultat du changement phonétique *-ros > -rs > -rr > -er*. La coexistence de formes thématiques et de formes athématiques bâties sur la même racine et de sens égal ou prochain est bien démontrée pour de nombreux documents en grec comme en sanskrite. Le gr. *ἀστὴρ* × *ἄστρον* et le skr. *nā* × *nārah* ne diffèrent du lat. *ager* × *agri* que dans le fait que la voyelle thématique s'est, dans les premiers cas, étendue au nominatif, tandis que, dans le second, elle n'a servi qu'à la flexion.

La préservation de la forme athématique dans le nominatif latin a été probablement facilitée par la tendance italique à l'*-r* implosif. Cette tendance ne pouvait pas se maintenir dans le reste de la flexion par évidentes nécessités d'expression, c'est-à-dire par le jeu même de la déclinaison.

De même les thèmes à *-i* sont primitifs et non la conséquence de la chute de la voyelle thématique ou *-i-*. Le v. lat. *famul* de Lucrèce n'était pas venu de *famulus*. C'était sa forme athématique, antérieure ou contemporaine.

Ces observations s'appliquent aux adjectifs des deux classes, à *niger* comme à *celeber*. Le masc. sing. a conservé le degré plein du morphème *-er*; le fem. et le neut. l'ont perdu par le fait même de l'adjonction de *-o-*, *-i-*, *-a*, *-a-* etc., en somme par l'adjonction de suffixes ou de désinences introduites par voyelles. Il ne s'agit pas d'absorption, ni par l'*-r* ni par l'*-i*, mais d'alternation.

En admettant que en *claustrum*, *rastrum* le *-t-* ne soit pas primitif, mais le résultat de la dissimilation du second des deux *-ss-*, venus de *-dt-*, in faut reconnaître des différentes dissimilations en des mots comme *sobrinus*, *funebri*. L'interprétation courante d'après laquelle **swesor* avec *-or* dans le degré zéro aurait permis à *-sr-* de passer à *-fr-* > *-br-* ne tient pas compte de ce que l'*-a-* a été mis à profit pour

allonger l'-o- précédent. Dans la formation de *sōbrinus*, **swesor* avait porté son -or- au degré réduit, non au degré zero. De **swes o r + ino*- dérive **swes o rino*- > **so SSRino*- > *sosdhrino*- *sōbrino*-, où -dh- représente la dissimilation de la seconde des deux sifflantes, devant l'-r- suivant. Pour *funebis* il y a eu aussi passage d'un -s- sonorisé à -dh- et puis, en latin, à -b-.

Consul a sans doute place entre les formations athématiques dont le second élément se lie à la racine de *sedeo*. La dentale a été changée en laterale comme en *olor*, *solium*, *lacrima*, *lingua*. *Consul* serait donc *qui sedet cum...*, *consulere* aurait été d'abord à peu près la même chose que *considere*, *consilium* le résultat ou le fait même du *consensus*.

Do mesmo autor:

"ANDRADE" E "ANDRADA" — Estudo Morfológico

São Paulo, 1950.

SOBRE UMA ODE ANACREONTEIA

Coimbra, 1950.

EROS CERIOCLEPTA

São Paulo, 1950.

SOBRE A CRONOLOGIA DA ANÁBASE DE CIRO E A IDADE DE XENOFONTE

São Paulo, 1950.

"PRESBITA" - "DIÁTRIBE" - "FRENÉSIS" — Estudo Morfológico

São Paulo, 1949.

CINCO ÉTIMOS GREGOS

São Paulo, 1947.

O ATICISTA DE SAMÓDATA

São Paulo, 1946.

"TRIGKÓS" NA "IFIGENIA ENTRE OS TAUROS"

São Paulo, 1946.

TRÊS TÓPICOS DA "IFIGENIA ENTRE OS TAUROS"

São Paulo, 1946.

UMA PALAVRA TARDIA EM EUBULO E EPICARMO

São Paulo, 1945.

DOIS ESTUDOS

Solão : Elegia do ganho lícito e da vindicta dos nunes.

Arquíloco : O participio "memphomenos" num dístico obscuro.

São Paulo, 1945.

TRÊS ESTUDOS

O grupo GN na fonética clássica e românica. Vernaculização de algumas formas gregas. Um sistema de acentuação gráfica.

São Paulo, 1943.

OS ELEGÍACOS GREGOS DE CALINO A CRATES

I. Calino. Arquíloco. Tirteu, Ásio. Semônides. Mimnermo. São Paulo, 1941.

(Em co-autoria com o Prof. Vittorio de Falco, da Univ. de Nápoles).

A
Cadeira de Língua
e Literatura Grega

pede e agradece a remessa de suas publicações

vous prie de lui envoyer vos publications

shall be glad to receive your publications

chiede e ringrazia per l'invio delle sue pubblicazioni

bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen

le agradecerá el envío de sus publicaciones



CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Faculdade e Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

CAIXA POSTAL 8.105. — SÃO PAULO-BRASIL

